

Relação e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 37

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assinantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

CONTINUANDO

AINDA A NOSSA QUERELA

Fomos processados por *offensas á religião do estado*. Mas a religião do estado queimou vivos, só pela mão de Torquemada, 10:000 judeus, nos 18 annos de governo d'aquelle feroz inquisidor. Mas nos quarenta e tres primeiros annos da inquisição em Hespanha foram condemnadas 253:000 pessoas.

Isto são factos historicos, sr. procurador régio junto da relação do Porto! V. ex.º póde mandar metter na cadeia os que sabem historia, mas não aprisiona nem cala a mesma historia.

Sobre inquisição, basta isso. Não é preciso citar o que se passou em Portugal, nos Payzes Baixos onde o duque d'Alba sujeitou ao supplicio DEZOITO MIL pessoas só n'um anno, no Perú, no Mexico, nas Indias, no Brazil, na Sicilia, na Sardenha, em Italia, etc.

Fomos processados por *offensas á religião do estado*. Mas o sr. procurador régio junto da relação do Porto lê a «Historia da Inquisição» de Llorente, a «Historia da guerra contra os Albigenes» de Parcetaine, a «Historia dos Albigenes» do frade Vaux-Cernay, as «Luctas religiosas dos primeiros seculos» de Jules Bastide, a «Historia dos Camisards» de Bonnemère, a «Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal» de Alexandre Heróulano, a «Historia de França» de Michelet, e verá que a religião do estado não tem razão nem auctoridade nenhuma para se julgar offendida, porque é ella que tem offendido todo o mundo.

Fomos processados por *offensas á religião do estado*. Mas a religião do estado é a offensa perenne de tudo quanto ha de mais superior na humanidade, que é a propria sciencia. Lêia o sr. procurador régio um livro recommendado pelo dr. Miguel Bombarda no seu ultimo benemerito trabalho «A Sciencia e o Jesuitismo», livro que se chama «Historia da lucta entre a sciencia e a Theologia», escripto por White, que nós mandámos adquirir, em virtude d'aquella recommendação, para juntarmos á nossa collecção de livros sobre o assumpto, collecção que é, sem vaidade, verdadeiramente notavel; lêia o sr. procurador régio, e verá.

Lêia esse, lêia os «Conflictos da Sciencia e da Religião» de Draper e ha de concordar que uma instituição que só tem procurado abafar a intelligencia, esmagar a idéa, manietar o pensamento, não póde, não póde nun-

ca julgar-se offendida pela critica, violenta ou não. As violencias de palavra o que são, ao pé das violencias de factos tantas vezes narradas aqui?

Fomos processados por *offensas á religião do estado*. Mas a religião do estado, segundo diz Vinson, um orientalista famoso, um sábio, no seu livro notavel sobre as «Religiões actuaes», pag. 606, está prestes a voltar ao feticchismo o mais inferior; tende cada vez mais a pôr-se fóra das leis sociais, a romper com o espirito moderno, a desconhecer as leis da humanidade. Mas, segundo, Letourneau, outro sabio, — «L'Évolution Religieuse», pag. 557 — as consequências dos horrores da religião do estado vão além das ruínas semeadas e das existencias ceifadas. A intelligencia europeia de hoje está paralyzada por uma covardia hereditaria e a opinião publica é, no fundo, rebelde a toda a idéa nova.

Fomos processados por *offensas á religião do estado*. Mas nós ainda não aconselhámos ás raparigas grávidas que provoquem o aborto, como aconselhava o santo jesuita Escobar; nós ainda não affirmámos que o seductor não é obrigado a reparação alguma se fizer as coisas em segredo, como affirmava o santo jesuita Mozelle; nós ainda não proclamámos a legitimidade do abandono de filhos illegitimos, como proclamava o santo jesuita Laymann; nós ainda não escrevemos que era um simples peccadilho apalpar os seios d'uma freira, como escreveu o santo padre Benzi; nós ainda não descemos a esmieuçar a sodomia, como a esmieuçou o santo papa Leão X; nós ainda não dissémos, como diz Oswald na sua «Masiologia Dogmatica», que os ecclesiasticos recebem na Eucharistia, em recompensa da sua virgindade, não só o corpo de Christo mas tambem a carne e o leite de Maria; nós não declaramos ainda, como declara o santo padre Jacques Pontanus nos seus canticos, que não conhecemos nada mais bello que os seios de Maria, nada mais doce que o seu leite, nada mais excellente que o seu baixo ventre; nós não contámos ainda como foi que a Virgem, para nos sustentar na lucta contra o diabo, nos fortificou dando-nos, de vez em quando, o sangue de seu filho e a doçura dos seus proprios seios; emfim, nunca tratámos de estudar, como estudou o santo jesuita Suarez, de que maneira se deu a copula do Espirito Santo com a Virgem.

Duvida, sr. procurador régio? Pois lêia as «Doutrinas Sociais do Christianismo», pag. 257 a 260, que é um livro escripto por um homem, Ives Guyot, que tem sido por mais do que uma vez ministro da republica franceza, onde a religião catholica, aposto-

lica romana é, como aqui, a religião do estado.

Sim, nunca dissémos, nunca affirmámos, nunca escrevemos nada d'isso. Nunca mamámos nos seios da virgem, ex.º sr. procurador régio junto da Relação do Porto. Nunca mamámos, sequer, n'um corno, porque o illustre fidalgo aqui d'Aveiro, o barão do Carrapitalinho, que v. ex.º não manda processar por offensas á moral publica, nunca consentiu. Mas havemos de mamar cadeia, por obra e graça dos altos poderes do estado.

Quem vae á missa é o barão do Carrapitalinho, com o seu illustre corno. Isto não é prohibido, nem peccado. Não, que o padre Gury, no seu «Compendio de Theologia Moral», adoptado nos nossos seminarios, e sobre o qual Paulo Bert, o illustre sábio, escreveu um livro delicioso, lá define minuciosamente a fornicação, os beijos, os contactos impuros, o adulterio e tudo o mais que diz respeito á sciencia de cornear. Duvida, sr. procurador régio? Pois lêia v. ex.º «La Morale des Jésuites», de Paul Bert, de pag. 131 a 144. Lêia, e verá. Não é prohibido nem peccado Joãozinho andar de corno erguido pelas egrejas e é prohibido e peccado um homem fazer historia, ensinar moral e dizer a verdade.

Está bem. Certos d'isso, certos estamos do que temos a fazer.

E continuaremos.

O TEMPO

Parece que o tempo se arrependeu de nos ter mimoseado com um bom par de dias verdadeiramente estivaes. Não voltou o frio da estação finda, mas ao calor excessivo que fez, succedeu-se uma quadra mais amena, propria da estação que atravessámos.

Na quarta-feira apresentou-se o céo encoberto com nuvens que pelo meio dia se desfizeram em chuva, uma chuva benefica que veio trazer aos campos que começam a reverdecer e florir, uma parcella da humidade creadora que o sol ardente dos ultimos dias lhe tinha arrebatado.

Mas nem a chuva foi excessiva, nem a differença de temperatura alteram o caracter atmosferico d'esta estação que ha de ser sempre, mesmo independentemente da affirmativa dos poetas d'agua chilra, a estação das flores e dos amores.

Vae ser trasladado do cemiterio de Mont-martre para o pequeno cemiterio de Passy o cadaver da actriz Henriot, a mallograda victima do incendio da Comedia Franceza.

A feira dos 25 em Aveiro

A Associação Commercial de Aveiro, com a cooperação da Camara Municipal, que concorre com a quantia de 60\$000 réis, resolveu premiar os expositores que melhor gado apresentem para a proxima feira dos 25, que se realisa n'esta cidade.

O programma dos premios é assim distribuido:

RAÇA BOVINA

1.º grupo—12\$000 réis á melhor junta de bois gordos; 6\$000 réis á immediata.

2.º grupo—12\$000 réis á melhor junta de bois de trabalho; 6\$000 réis á immediata.

3.º grupo—9\$000 réis á melhor junta de vacas de criação e trabalho; 4\$000 réis á immediata.

4.º grupo—5\$000 réis á melhor vacca leiteira arraçada; 3\$000 réis á immediata.

5.º grupo—6\$000 réis á melhor junta de bezerros de 2 para 3 annos; 3\$000 réis á immediata.

RAÇA CAVALLAR

6.º grupo—12\$000 réis para o melhor cavallo ou egua de sella ou tiro; 6\$000 réis para o cavallo ou egua immediatamente inferior.

7.º grupo—10\$000 réis para a melhor egua de criação de 4 para 6 annos; 5\$000 réis para a immediata.

8.º grupo—10\$000 réis para o melhor potro de 3 para 4 annos; 5\$000 réis para o immediato.

RAÇA SUINA

9.º grupo—5\$000 réis para o melhor porco cevado; 5\$000 réis para a melhor porca de criação de 2 para 3 annos; 3\$000 réis para o melhor porco de raça para padreação.

PREMIOS DE CONCORRENCIA

10.º grupo—15\$000 réis ao creador ou negociante que durante o anno tiver concorrido ás differentes feiras mensaes em Aveiro, com maior numero de cabeças de gado cavallar ou bovino; 8\$000 réis ao creador ou negociante immediatamente inferior.

Tem passado incommodado de saude o sr. Carlos da Silva Mello Guimarães.

Benções apostolicas... a cinco mil réis

Em Lisboa, n'uma papelaria da rua Augusta, está á exposição um retrato do Papa, com um breve de conceção de benção apostolica, e juntamente um annuncio em que o proprietario da referida papelaria faz saber que, a troco de cinco mil réis, se encarrega de alancar, para os necessitados, a benção apostolica *in articulis mortis*.

Parece-nos que o preço não está ao alcance de todas as algebeiras.

O ministerio das vias de comunicação da Russia resolveu munir os conductores dos comboys de lampadas portateis especiaes, que serão postas gratuitamente á disposição dos passageiros que queiram entregar-se á leitura durante as viagens nocturnas.

Cartas d'Algures

25 DE ABRIL.

Não sabemos ainda, a estas horas, o que terá resolvido o conselho superior de disciplina militar, que está julgando o coronel Constantino de Brito, que recusou bater-se em duello com o capitão conde do Arnos. Mas nos circulos militares é esperada a condemnação d'aquelle coronel, condemnação que se tem como certa.

E' admiravel, pois não é? Ninguém póde deixar d'estar d'accordo com o que, a tal respeito, se vem dizendo em conversas particulares e se vem crevendo na imprensa.

N'estas coisas de duellos só ha duas sahidas: ou o sujeito bater-se ou responder ás testemunhas: «façam favor de dizer ao senhor Fulano que tenho a honra de o mandar berdamerda.»

Mais nada. Bate-se ou prepara-se para bater. Eu acho melhor este expediente e lançarei sempre mão d'elle na occasião precisa. Não porque elle seja menos perigoso, que é o contrario. Não ha nada menos perigoso que um duello em Portugal. E não só em Portugal. Elle já vae sendo por todo o mundo uma coisa mansa, com poucas excepções. Mas em Portugal muito mais. Não porque, digo, seja menos perigoso que um homem levar uma cachairada ou um murro no nariz. Mas porque é pretenciosamente asniatico, tolamente ridiculo.

Bem sei que prova tão pouco o recurso da espada ou da pistola como o do bacamarte ou do cacete. Ha muitos annos que eu escrevi no *Povo Aveiro* artigos advogando a criação de tribunaes especiaes para a resolução de certos conflictos. E' o que deve ser. Todas as questões, de qualquer ordem ou natureza, se devem resolver pela razão e pela justiça, e nenhuma pela força. Mas como o mundo não vae para ali, então caminemos pelo caminho mais curto, mais logico, mais franco, mais digno. O sr. Fulano quer-me bater? Então bata quando quizer. Precisa de testemunhas? Tem um cento, em vez de quatro, batendo-me na rua. E' mais igual o jogo do sabre ou da pistola do que o jogo do murro? Não ha tal, porque se eu posso ter mais força do que o senhor, o senhor póde jogar as armas muito melhor do que eu. Não é de bom tom jogar a pancada na rua? Isso é um convencionalismo, como o da sua mulher ser uma prostituta com sua auctorisação. Tambem esta é uma regra de bom tom. E sendo uma prostituta, ou uma mulher galante, se quer, é tambem de bom tom chamar-se-lhe virtuosa nas

O 1.º DE MAIO

E' depois de amanhã a festa universal dos trabalhadores.

Em varias escolas está dividido o socialismo. Verdadeiramente racional só é aquella que está tão perseguida pelas leis dos conservadores em todo o mundo que nem é permitido dizer-se-lhe o nome. O collectivismo figura-se-nos de muito difficil realisação na pratica. Pelo menos, ainda não ha uma formula satisfactoria de applicação. Pelo menos, ao espirito de liberdade e de independencia humanas causa pavor aquella formidavel tentativa de assambareamento de todas as iniciativas individuaes.

E' muito problematico, para todos os pensadores, o resultado de tal regimen social, se vem a estabelecer-se. O outro, o prohibido, esse sim. A maxima liberdade aliada á maxima iniciativa, o individualismo em acção, sem obstaculos, sem peias, eliminados todos os privilegios e todo o monopolio, é, incontestavelmente, o ideal da perfeição humana.

Poderá a humanidade ir até ahí? Não será o homem bastante perverso para impedir sempre esse desideratum?

Não sabemos. Mas nós somos dos que acreditam firmemente na força da evolução.

Seja como for, não ha duvida nenhuma de que é pessimo o estado social presente.

No seu estúpido orgulho, no seu egoismo barbaro e feroz, toda essa gente conservadora se irrita com a simples idéa dos creados que a servem poderem ter uma meza tão lauta, vestidos tão elegantes, uma vida de divertimentos e de luxo tão completa como ella. Estupidissimo orgulho!

Por outro lado, a gente do povo e da plebe, confundindo liberdade e direitos com vicios, em lugar de lutar intelligentemente pela sua emancipação, inutilisa-se e perde o tempo com desvarios de toda a ordem. E d'essas duas forças oppostas resulta este estado social, miseravel e infame, em que vivemos.

Urge, não ha duvida, seja por meio do collectivismo, seja por meio do que for, acabar com esta infamia de meia humanidade explorar torpemente outra meia. Isto não é um ideal utopico. Isto é uma aspiração legitima, urgentissima, de necessidade inadiavel, que se ha de realizar no dia em que a intelligencia e cultura vençam a estupidez e a ignorancia.

Só por uma aberração mons-

trouso se comprehende que sendo a especie humana indivisivel e indistincta, uns trabalhem e moram de fome, uns sofram todas as amarguras e miserias, enquanto outros vivam a mais completa vida de ociosidades e de gosos.

Não póde ser. Não ha de ser. Acompanhámos, pois, os proletarios nas suas aspirações de justiça, lembrando-lhes apenas a conveniencia de se instruirem solidamente e seriamente para poderem lutar com acerto e vantagem.

Uma companhia de salvados de Genova acaba de concluir um contracto com a municipalidade de Balaclova, na Criméa, pelo qual esta companhia fica auctorizada a procurar no fundo do mar um navio de guerra inglez que naufragou perto d'aquella paragem, por occasião do cerco de Sebastopol.

O navio levava uma carregação de ouro de mais de um milhão de francos.

Bazar no jardim publico

Se o tempo o permittir e não sobrevier algum contratempo de maior monta, teremos hoje de tarde bazar no jardim, promovido pela direcção do Recreio Artístico em beneficio da caixa de soccorros d'aquella sociedade.

Entre as prendas ha dois vasos de bellissimas azalias em perfeita floração, offerecidas pelo sr. Domingos Cardoso, um dedicado floricultor que capricha em apresentar os melhores exemplares sempre que em Aveiro se organisa qualquer exposiçao de flores. As azalias serão entregues por arrematação a quem maior lance offerecer. Alguem que as viu já, diz-nos que não as deixará entregar enquanto o lance por cada uma não atingir 2\$000 réis. Podemos, porém, affirmar que, por muito bons que sejam os exemplares, e d'isso não duvidámos, por acaso apparecerá quem os leve a tal preço. Os nossos amadores, em regra, contentam-se mais com ver do que com gastar, o que, decerto, é mais pratico e economico. Preferem plantas do horto do se *mas dão*; ou limitam as suas despezas a um molhinho de mangericos ou de secias singelas, que se vendem a três por cinco réis, ahí no mercado. Os que gostam, são poucos. E mesmo dos pouquissimos que podem fazer taes despezas, quasi nenhuns as fazem.

Veremos então quem leva as azalias.

Ao bazar assiste a fanfarra dos azylados.

— Dotou-o com elle, respondeu Cedric; e não é a menor queixa que tenho de meu filho o abaixar-se a aceitar como vassallo um dominio que seus paes possuíam de direito livre e independente.

— Pois então, disse o principe, é sob a vossa condescendente sanção, digno Cedric, que nós conferimos esse feudo a uma pessoa cuja dignidade se não melindrará de receber uma terra da corôa britanica. — *Sir* Reginaldo Testa-de-Boi, continuou elle voltando-se para este barão, espero que me guardareis a magnifica baronia de Ivanhoé, de maneira que *sir* Wilfredo não incorra no desagrado de seu pae tornando a apossar-se d'ella.

— Por Santo Antonio! respondeu o gigante franzindo as negras sobranceiras, eu consinto que Vos-

A imprensa e a nossa querela

A Voz da Officina, de Vizeu, transcrevendo no seu numero de quarta-feira o artigo de fundo do nosso ultimo numero, escreve entre outras cousas o seguinte:

«Oçam-se ahí os fracos vagidos da igreja, que se diz offendida em seus pretensos direitos, e a ameaça da vara da justiça quebrará a penna ao jornalista;...»

Quanto a nós, o collega engana-se. Sim, engana-se. Nunca os vagidos da igreja nos enternecerão, nem a vara da justiça conseguirá quebrar-nos a penna. Não somos dos que assim se vergam e intimidam. A consciencia da nossa justiça e a independencia do nosso caracter, nunca, nunca afrouxarão no meio do caminho que traçamos á nossa conducta, que é o da sua razão contra a ignorancia.

De resto agradecemos ao collega, bem como ao jornal *A Voz Publica* as referencias que fazem ao nosso artigo.

PAVOROSO INCENDIO

Telegrapham de Ottawa, com data de 26, que rebentou um grande incendio em Hull, o qual depois, atravessando o rio, atacou Ottawa, cujo bairro occidental destruiu em parte. O fogo continúa. Estão sem abrigo 2:000 familias. Uma violenta ventania favorece a propagação do incendio.

Ottawa, 26.—O incendio tornou-se immenso, e destruiu já as serrarias mechanicas, estancias de madeiras, fabricas de moagem, fabrica de electricidade e o deposito da companhia do caminho de ferro Canadim Pacific. O fogo ameaça devorar metade da cidade. O parlamento fechou-se por falta de illuminação. O governo pediu soccorros a Montréal, Toronto e Brockyll. Foi chamada a milicia. As perdas passam já de 20 milhões de francos.

Na segunda-feira, no lugar de Autella, do concelho de Bouças, manifestou-se incendio em casa d'um vareiro que se tinha ausentado com a esposa. Tres creancitas de 1, 2 e 6 annos que tinham ficado alli fechadas, foram pasto das chammias, apparecendo depois os seus pequeninos cadaveres horrivelmente carbonisados. Sem saberem o perigo, accenderam phosphoros e fizeram fogueira. D'ahi a horrivel desgraça.

sa Alteza me tome por um saxão se algum Cedric ou Wilfredo ou o primeiro entre a sua raça me arrancar a dadia com que Vossa Alteza me agraciou.

— *Sir* barão, replicou Cedric offendido por esta habitual maneira de falar com que os normandos expressavam frequentemente o desprezo pelos inglezes, — todo aquelle que te chamar saxão te fará uma honra tão grande quanto pouco merecida.

Testa-de-Boi ia replicar, mas a petulancia e leviandade do principe tomaram-lhe a deanteira.

— Estae certos d'isso, meus senhores, disse elle; o nobre Cedric disse a verdade: a sua raça tem a precedencia sobre a nossa tanto pela extensão das suas genealogias como pelo comprimento dos seus mantos.

gazetas, quando sua excellencia, segundo as mesmas gazetas, dá á luz uma creança formosa e robusta, de pae incerto, como os gazetelleiros commentam, galhofando e rindo á banca da redacção. Em resumo, senhoras testemunhas, vá o excellentissimo constituinte á fava, vão vossas excellencias tambem, se apertam com o fiado, e procurem-me vossas excellencias e elle quando queiram que me encontram sempre ás ordens.

E disse. E salta a pose de rabo ripado pela escada abaixo. E adeus pedantismo. E gyre a embolia para o meio da rua. E diga o cretinismo o que lhe aprouver, e commente á imbecillidade como quizer, que me é indifferente, enquanto eu não me metter com medo no fundo d'uma barriça ou me não esconda atrapalhado atraz d'uma porta.

Mas discutir com as taes testemunhas? Mas desfazer-se a gente em attentões deante d'ellas? Deus nos accuda, que isso, então, sim, é medo, ou, pelo menos, é ultra-ridiculo.

Ora leve o diabo o sr. coronel Constantino de Brito com as suas attentões. Nunca perdoaremos áquelle cavalheiro, como dizem os conductores de americanos, o ter perdido a melhor occasião de dar um golpe de mestre. Se elle prende immediatamente o conde de Taranca e Mousinho de Albuquerque e procede rapido contra o conde do Arnoso, ria-se agora á farta e todo o paiz com elle. E estava rigorosamente dentro da disciplina e da lei. E acabava com a questão por uma vez. E era uma lieção real.

No entanto, é certo que não ha motivo nenhum para proceder contra elle, salvo por crime de abuso de liberdade de imprensa. Não vimos o artigo da *Folha do Povo*. Mas se offende o sr. conde do Arnoso, tem este senhor o direito de queixa e a lei de imprensa para exigir responsabilidades ao superior que o offendeu.

Ser o sr. coronel Constantino de Brito submettido a *judgamento disciplinar*, e ficarem impunes os inferiores, que o offenderam como chefe hierarchico, é uma disciplina nova, que estava reservada a estes homens e a estes tempos.

Nos centros militares commenta-se isto vivamente. Todos estão de accordo em censurar as violencias que se projectam e o caminho que se vae seguindo para liquidar militarmente a questão. Mas tudo fica quieto e calado. Pois deixem-se ficar quietinhos e caladinhos. Está bem. Para que

vale incommodar? Mais vale aguentar a cilha que soffrer o esforço preciso para arrebentar. Não é assim? E', é, meninos. Não se incomodem, não se incomodem, não se incomodem. Quietinhos, caladinhos, meninos. E apanham um pratinho de arroz doce em dia de festa.

Este estupor d'este paiz não será um paiz unico? A rhetorica diz que sim, que é unico. Mas não o será realmente? Mas não o será de facto? Pois o resto do mundo ha de ser isto? Pois, se o é, o raio da lua não se ha de despegar um dia do seu eterno gyro para nos vir desfazer a todos? Isto é, se ella encara o illustre Chamberlain portuquez no caminho, adeus liquição, prestre, que fica a gravitar em volta d'elle. Com aquella barriga imperial, é certo!

E ahí se nos vae por agua abaixo a ultima esperanza.

Emfim, esperemos e confie-mos. Póde ser que, não vindo a lua, se desloque a terra, e fica assim tudo remediado, porque fica tudo acabado. Quer dizer, fica tudo acabado se o nosso illustre Chamberlain, arremessado aos espaços, for cair n'outro planeta. Aqui que se governe e os habitantes do planeta que se governem com elle. Mas se são os mares que invadem a terra, então ahí fica elle boiando e continuaremos na mesma, porque s. ex. repovoa a terra n'um prompto.

Vamos a vér.

A. B.

Emolumentos

Fallou-se outra vez no parlamento na questão dos emolumentos dos passaportes.

Os empregados dos governos civis dos districtos onde não ha emigração, querem que os emolumentos provenientes d'este serviço sejam distribuidos por todos os governos civis e não só por aquelles onde o trabalho se faz.

Não havia coisa melhor. Emquanto, por exemplo, eu estou na repartição, repimpado á minha secretária, vendo n'um abandono quasi oriental desfazerem se no ar as espiraes d'um odorifero charuto, outros vão trabalhando, trabalhando a passar passaportes que eu nunca vi nem sei como são, mas que no fim do mez hão de produzir para o meu bolso um bom par de vintens, que virão mesmo sem dizer agua vae...

Deliciosa perspectiva! Mas escusado será acrescentar que o direito dos requerentes é... torto, e que aquelles a quem esta medida iria lesar se não deixarão assim levar na rede.

Pudera!...

Circulam em Famalicão muitas notas falsas de 2\$000 réis, e em outras terras de 2\$500 réis. Acautelem-se.

therwood, o digno pae de um filho tão esperançoso.

— Não, meu senhor, replicou Cedric levantando-se e collocando sem lhe tocar com os beiços a sua taça em cima da meza, eu não dou o nome de filho ao desobediente mancebo que ao mesmo tempo despreza as minhas ordens e renuncia aos usos e costumes de seus paes.

— E' impossivel, exclamou o principe com fingido espanto, que um tão gentil cavalleiro seja um filho indigno ou desobediente.

— Todavia, respondeu Cedric, é o que se dá com Wilfredo. Deixou o lar paterno para ir juntar-se á vistosa corte de vosso irmão, com a qual aprendeu essas habilidades de cavallaria, que daes tanto aprecio. Deixou a sua casa contra minha ordem e vontade; e no tempo

d'Alfredo chamava-se a isso desobediencia e era um crime punido severamente.

— Ah! replicou o principe João, suspirando com ar de affectada sympathia, visto que vosso filho foi um dos companheiros de meu desgraçado irmão, não é necessario perguntar onde e de quem elle tomou lições de desobediencia filial.

Falando assim, o principe esquecia-se propositadamente que de todos os filhos de Henrique II, com quanto nenhum d'elles fosse isento de censura, elle era o que mais se assignalara pela sua rebellião e ingratição para com seu pae.

— Creio que meu irmão tencionava agraciá-lo o seu favorito com o rico feudo de Ivanhoé, disse elle, depois de um momento de silencio.

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XIV

Em taes occasiões levantava-se vivamente, enchia a sua taça como que para se animar e tomava parte na conversa com alguma observação feita em termos bruscos ou ao acaso.

— Bebemos esta taça, disse elle, á saude de Wilfredo de Ivanhoé, o campeão d'este passo d'armas, e lamentamos que a sua ferida o retenha ausente do nosso banquete. Acompanhem-me todos n'esta saude, e especialmente Cedric de Ro-

FOLHAS SOLTAS

A azeitona de Sevilha

Uma tarde de agosto, em Sevilha, por uma rua estreita alastrada de um sol tropical, que fazia escalear as pedras das calçadas, seguiam dois homens, de braço dado—um portuguez e um hespanhol. O portuguez era baizote, de pernas achamboadas, pé grande, barba cerrada, pescoço curto; o outro, o hespanhol, esse era alto, desempenado, gesto largo, bigode farto, olho vivo, com jaleca de alamares e bengalão de canna da India.

A meio da rua, o portuguez estacou de repente, saccou da algibeira uma caixa de prata;—sabe-se que é vulgar dizendo-se a força e a saúde dependem d'uma boa caixa de prata, offereceu-a aberta ao hespanhol, e fungou ruidosamente pela narina esquerda—comprimindo com o polgar a narina direita:—uma farta pitada de simonte.

O hespanhol tirou do bolso da jaleca um grande charuto castanho, um puro, e accendeu-o; e, enquanto o portuguez fungava, de cabeça baixa, a sua pitada de simonte, soprava elle do cante dos labios, com a cabeça levantada, uma espiral de fumo esbr de opala, do seu charuto de Habana!

Ficava ao fundo da rua uma taberna, com um toldo listrado a alpendrar a porta.

Assim que alli chegaram:

—Entre usted—disse o hespanhol, cedendo passagem ao portuguez.

E o portuguez, como era hospede na terra, sorriu-se agradecido e entrou primeiro, accedendo á cortezia gentil do hespanhol.

Dentro, que sombra agradável! que frescura! que bem estar!

Tomaram assento á mesma mesa, um defronte do outro, passando os olhos pelos outros freguezes.

A meza fronteira, com a cabeça descaida sobre a espadua de um touro, que tinha ao lado, estava uma sevilhana, bonita a valer, de olhos pretos, uma bocca fresca cor de cereja, cabellos escuros em caracolitos e bellezas, um chale amarello de Manila cruzado sobre o seio.

Enquanto o toureiro levava pavorosamente aos labios um calix de Jerez, que scintillava como um topazio, a sevilhana toda reclinada para traz, com os olhos no tecto, de perna estendida, a abanar-se com o leque, cantarolava com voz de contralto:

Será para ti más firme
Que lá isla de Lion
Que el año del terremoto
Tiemblo, pero no cayó.

O hespanhol magro, que tinha entrado com o portuguez, gritou do seu logar, batendo as palmas:

—Bravo, Pepa! Viva el salero!

Depois perguntou ao companheiro o que se havia de tomar.

—Thorchatá de chufas, señor Pereira.

—Muito obrigado—agradeceu o portuguez indeciso.

—Aguardiente? Merengues? Azucarillo?

—E' verdade, disse Malvoisin, elles precedem-nos na guerra como o veado precede os cães.

—E não esqueças, disse o prior Aymer, que elles podem invocar bons direitos de precedencia sobre nós,—a distincção e delicadeza das suas maneiras.

—E a sua singular sobriedade e temperança, disse De Bracy, esquecendo-se do projecto que lhe promettera uma esposa saxonica.

—Assim como, disse Brian de Bois-Guilbert, a coragem e procedimento com que se distinguiram em Astings e n'outras partes.

Enquanto, com ar sorridente e mellifno, os cortezãos seguiam o exemplo do principe e cada um atirava a sua frecha no intuito de ridicular Cedric, o rosto do saxão inflamava-se de colera e voltava os olhos furiosos successivamente

—Obrigado, muito obrigado, D. Juan—agradecia o Pereira—Olhe, eu comia umas azeitonas, hein?

—Que diz? Uma azeitoninha cá da terra!...

—Chico! gritou D. Juan, batendo com a bengala no marmore da meza—*Accitunas de las buenas!*

Veiu um prato com *accitunas*, as celebres azeitonas de Sevilha, grandes, rijas, de pelle fina, cobreada, com um picosinho de sal, que lhes dá graça!

No mesmo prato das azeitonas vieram dois garfos.

Depois o hespanhol de um lado e o portuguez do outro, ambos de garfo em punho, espeta aqui, espeta alli, em pouco tempo dariam cabo das azeitonas!

Mas... não foi bem assim.

Ainda tinha ficado no prato uma azeitona que, por signal, era a mais verde, a de pelle menos curtida e mais dura.

O portuguez não a quiz comer para deixar no prato a cortezia, e o hespanhol, vendo que o portuguez a não queria, tratou elle de a comer.

Agora o vereis!

Espetava o garfo d'aquí, a azeitona, como era dura, resvalava para o outro lado do prato. Atacava a azeitona d'alli, e a azeitona vinha dar ao lado de cá. Depois, d'aquí espeta d'alli, das bordas do prato para o centro, do centro para as bordas, e a azeitona rebelde sempre a fugir...

O hespanhol desapontado e furioso desistiu, e pousou o garfo na meza, gritando como um baritono:

—*Caramba!*

E's más dura que el bronce
I más valiente que Dios!

Ora o portuguez, o sr. Pereira, até levava as mãos á bocca, para não rir alto, enquanto o hespanhol tentava pilhar a azeitona.

E, depois, pegando cuidadosamente no seu garfo, suspendeu-o perpendicular sobre a azeitona, foi-o baixando pouco a pouco, com muita cautella e receio de que ella fugisse e... zás! —espetou-a mesmo pelo meio, levantou-a triumphante nos dentes do garfo, e comeu-a.

O hespanhol sorriu-se desdenhoso; e observou-lhe do lado, meneando pausadamente a cabeça:

Pero, despues de haberla cansado!

Como se agora uma azeitona fosse um touro.

Alberto Braga.

O roubo da igreja da Apresentação

Foi hontem prese em Coimbra e conduzido para Aveiro, pela policia d'aquella cidade, o larpio que roubou a igreja da freguezia da Vera-Cruz.

No acto da captura foram-lhe encontrados ainda alguns objectos roubados.

Não sabemos se terá cumpridos. Mas a policia trata de averiguar.

O gatuno é natural de Lamego.

de um para outro, como se a rapida successão de tantos insultos o impedisse de responder a cada um, ou como um touro na praça que, cercado de assaltantes, está em duvida na escolha de qual ha de ser o primeiro objecto da sua vingança. Por fim, em voz meio suffocada pela paixão, disse dirigindo-se ao principe, como responsavel da affronta que tinha recebido:

—Quaesquer que tenham sido as loucuras e os vicios da nossa raza, um saxão teria sido considerado *nidering* (o termo mais expressivo de abjecção e vileza) se na sua propria sala e fazendo circular a sua propria taça tivesse tratado ou permittisse que tratassem um hospede inoffensivo da maneira como Vossa Alteza me tratou hoje; e, qualquer que tenha sido o infor-

A festa dos operarios

Activam-se os preparativos para a celebração d'esta data festiva do proletariado, que os nossos operarios celebram este anno pela segunda vez.

O pessoal typographico da *Minerva Central*, da *Vitalidade* e do *Povo de Aveiro*, irá depór, pelas 10 horas da manhã, um bouquet de flores na sepultura de José da Silva, um desditoso artista tão modesto como habil, que sem os conhecimentos mais precisos conseguiu, com grosseiros utensilios por elle mesmo feitos, executar varios trabalhos de gravura que muito apreciados foram. Era uma sapateiro a quem a tísica impediu de continuar na arte, motivo por que se entregou ao desenho e á pintura, vindo a ser pintor de louça decorativa na Fabrica da Fonte Nova; e simultaneamente cultivava a arte de gravador, servindo-se para isso de sovelas já velhas que afeiçoava em grosseiros buris por não ter meios para a compra de utensilios apropriados. Por fim a tísica consumiu a sua obra a rojando-o á sepultura, onde um pequeno grupo de amigos irá prestar-lhe o humilde preito de saudade a que a sima nos referimos.

Da Associação dos Operarios de Construção Civil e Artes Correlativas, recebemos o seguinte programma que publicámos:

A's 4 horas da manhã, alvorada com inauguração da bandeira da associação, que será saudada por uma girandola de fogo. Duas phylarmonicas percorrerão as principaes ruas da cidade, queimando-se durante o percurso algumas dezenas de foguetes.

A's 2 horas da tarde, cortejo operario, que formará na rua da Estação percorrerá o seguinte itinerario:

Ruas de Sá, Gravito, de Manuel Firmino, de José Estevam, Mendes Leite, Apresentação, do Sol, Praça do Peixe, da Rainha, Caes, da Alfandega, de José Luciano de Castro, Arrochella, de Santo Antonio, do Passeio, Direita, Costeira e Praça de Luiz Cypriano.

Ordem dos grupos:

A' frente a «Associação dos Operarios de Construção Civil e Artes Correlativas», com o carro das artes; phylarmonica «Aveirense»; Associação de Classe dos Bateleiros Mercantis e pescadores da Ria d'Aveiro, com o seu carro; Padeiros, com carro; Tanceiros; Fabrica de Louça da Fonte Nova; Fabrica de Telha, com carro; Fabrica de Cortumes e Moagens; Classes diversas; Agricultores, com o seu carro; Calafates, com carro; «Recreio Artístico», com carro; Banda dos «Bombeiros Voluntarios». A Direcção dos operarios de construção civil fechará o cortejo com um carro de flores.

Na Praça de Luiz Cypriano, termina o cortejo, seguindo em comissões ao Cemiterio Publico, onde serão depóstas algumas flores nas campas dos seus companheiros de trabalho.

Disse-se que uma troupe de socios do R. Artístico preparava para este dia uma *soirée* dramatica familiar, que se realisaria no nosso Theatro, tendo sómente entrada as familias dos socios d'aquella associação.

Parece, porém, que a ideia não vingou.

tunio dos nossos antepassados na batalha d'Hastings, deviam guardar silencio pelo menos aquelles—acrescentou elle olhando para Testa-de-Boi e para o Templario—que ainda ha bem poucas horas perderam a sella e os estribos deante da lança de um saxão.

—Por minha fé, eis um motejo picante, disse o principe João. Que vos parece, *sirs*? Os nossos subditos saxões crescem em espirito e coragem, e tornam-se finos na intelligencia e arrojados no proceder, n'estes tempos agitados. Que vos parece, meus senhores? Pela luz que nós alumia! O melhor que temos a fazer é embarcarmos-nos nos nossos navios e voltarmos a tempo para a Normandia.

—Com medo dos saxões? disse de Bracy a rir-se: não precisariamos das nossas armas, bastariam

TENTATIVA DE SUICIDIO

No domingo passado, ao cair da noite, pretendeu suicidar-se, lançando-se a afogar n'um dos esteiros da ria, perto de S. Roque, um soldado de cavallaria 7 que faltara ao juramento de bandeira, e a quem os camaradas tinham feito acreditar que, por tal motivo, seria enforcado na praça.

Não chegou a morrer afogado, porque a agua era baixa e lhe acudiram, mas feriu-se no estomago, pois, no momento de cair á agua, bateu contra o tópo de uma estaca que estava cravada no leito do esteiro.

Foi transportado para o hospital, onde está em curativo.

Para não morrer enforcado quiz-se afogar. Bom meio de se livrar de apuros, não ha duvida

Acaba de ser descoberto um novo invento de destruição com uma força superior á da dynamite em vinte oito vezes. Foi seu inventor um official superior de Turim.

A criação da mulher

O seguinte apólogo, verdadeira pérola que póde rivalisar com o que o Oriente nos tem até hoje enviado de mais puro, encontra-se na traducção ingleza de um livro de lendas indias, recentemente tiradas da obscuridade. A poetica lenda diz:

Na origem dos tempos, Twashtri—o Vulcano da mythologia india—creou o mundo. Mas, quando quiz crear a mulher, observou que tinha gasto com o homem todos os materiaes disponiveis. Não lhe restava nenhum sólido.

Então Twashtri concentrou-se perplexo n'uma profunda meditação. Só saiu d'ella para proceder do seguinte modo: Pegou na redondeza da lua e na ondulação da serpente, no enlaçamento das trepadeiras e na agitação das folhas da relva, no donaire do cannavial e no avelludado da flor, na leveza da folha, no olhar da gazella, na alegria louca do raio de sol, nas lagrimas das nuvens, na inconstancia do vento, na timidez da lebre, na vaidade do pavão, no macio da penugem que guarnece a garganta dos pardaes, na dureza do diamante, no gosto assucarado do mel, na crueldade do tigre, no calor do fogo, na frieza da neve, no grulhar do gaio e no arrullo da rôla e, misturando todas estas coisas, formou a mulher. Depois fez presente d'ella ao homem.

Passados oito dias, o homem foi ter com Twashtri e disse-lhe:

—Senhor, a creatura de que me fizeste presente, envenena-me a existencia. Está sempre a tagarellar, rouba-me o tempo todo, lamentando-se por qualquer coisa e está quasi sempre doente. Venho entregal-a, pois não posso viver com ella.

Twashtri accitou a mulher. Mas oito dias depois, o homem apresenta-

os nossos chuchos de caça para conduzi-mos estes varrascos pelo bom caminho.

—Basta de zombarias, srs. cavalleiros, disse Fitzurse; e seria bom, acrescentou elle dirigindo-se ao principe, que Vossa Alteza assegurasse ao digno Cedric que não houve o intuito de offendel-o com estes gracejos, que devem soar desagradavelmente aos ouvidos de um extranho.

—Insultal-o! respondeu o principe retomando as suas maneiras delicadas; espero que elle não julgará que eu consentiria isso na minha presença. Bebo á saude de Cedric, visto que elle recusa beber á de seu filho.

A taça deu a volta á meza por entre os applausos dissimulados dos cortezãos, os quaes, todavia, não fizeram no animo do saxão o

va-se diante do deus, dizendo-lhe:

—Senhor, desde que vos entreguei essa creatura, a minha existencia tornou-se completamente solitaria. Recordo-me de que ella dançava na minha presença, cantando. Lembra-me tambem de que olhava para mim com meiguice, que brincava connigo, que me abraçava.

E Twashtri restituiu a mulher ao homem.

Decorrem apenas tres dias e Twashtri viu voltar o homem, que lhe disse:

—Senhor, não sei como é isto, mas estou bem convencido agora de que a mulher me causa mais enfado do que alegria. Senhor, peço que fiqueis outra vez com ella.

Mas Twashtri exclamou:

—Vae, homem, e arranja-te como puderes.

E o homem disse:

—Não posso viver com mulher.

E Twashtri explicou:

—Tambem não poderás viver sem ella.

E o homem retirou-se cabisbaixo e gemendo:

—Ai de mim! Não posso viver com ella e tambem não posso viver sem ella!

A FONTE DAS LAGRIMAS

Nas leves azas os sonoros ventos
Mil vezes estiveram suspendidos
Em torno d'estes cedros denegridos,
De Ignez ouvindo os doces pensamentos.

Estes brutos penhascos, como attentos,
Escutaram seus ais e seus gemidos,
Repetindo depois enternecidos
Com debil voz os lugubres accentos.

Em fim morreu: as aguas prateadas
D'este regato vagaroso, e brando
Em lagrimas ficaram transformadas.

Os penhascos ainda estão contando
Em rouco som as queixas maguadas,
E andam em roda os ventos susurrando.

Estas penhas, que vêa, ó passageiro,
Fustissimo adorno d'esta fonte.

Já foram n'outro tempo d'este monte
O theatro do amor mais verdadeiro.

As aguas d'este funebre ribeiro
Em si viram de Ignez a linda fronte,
Quanto mais claro o sol lá do horizonte
Com seus raios dourava aquelle outeiro.

Que vezes estes cedros debruçados
Estiveram de Ignez e Pedro ouvindo
os doces pensamentos namorados!

Mas tudo a idade em fim foi destruindo,
Ficaram só os eccos magoados
A sua triste historia repetindo.

(Dos Sonetos a D. Ignez de Castro.)

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

ANNUNCIOS

OFFICIAES DE SAPATEIRO

PRECISAM-SE na Sapataria
Aveirense de Marques de
Almeida & Irmão.

efeito que se esperava. Elle não era dotado de grande agudeza de espirito, mas rebaixavam muito a sua intelligencia os que suppunham que bastaria um cumprimento lisonjeiro para apagar n'elle o ressentimento pelo insulto anterior. Entretanto elle guardou silencio, e novamente a taça circulou brindando o principe á saude de *sir* Athelstane de Coningsburgo.

O cavalleiro inclinou a cabeça e correspondeu á honra que lhe faziam esvasiando a sua grande taça.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO

Azeite do Douro BARRA - PHAROL

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Bareas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.
Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Gambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpo, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro tipo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO
AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma maguifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a época dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de **José Gonçalves Gamellas**

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affanço a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sabêja
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.— Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêneas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos